



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

**UM ESTUDO DA SUPLEÇÃO CONDICIONADA POR ASPECTO NO
PARADIGMA VERBAL RUSSO**

Alexandra Costa de Lopes Dutra

Rio de Janeiro

2022

ALEXANDRA COSTA DE LOPES DUTRA

UM ESTUDO DA SUPLEÇÃO CONDICIONADA POR ASPECTO NO
PARADIGMA VERBAL RUSSO

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português/Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Boechat de Medeiros

RIO DE JANEIRO

2022

CIP - Catalogação na Publicação

D978e Dutra, Alexandra Costa de Lopes
Um Estudo da Supleção Condicionada por Aspecto no
Paradigma Verbal Russo / Alexandra Costa de Lopes
Dutra. -- Rio de Janeiro, 2022.
39 f.

Orientador: Alessandro Boechat de Medeiros.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Bacharel em Letras: Português - Inglês,
2022.

1. Supleção. 2. Morfologia Distribuída. 3.
Linguística Gerativa. I. Medeiros, Alessandro
Boechat de, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

À minha família, meus irmãos, e especialmente aos meus pais, que me apoiaram nessa ideia maluca de fazer faculdade longe de casa e me proporcionaram uma das melhores e mais enriquecedoras experiências da minha vida. À Ana Carelli, que abriu as portas da sua casa para mim e fez os primeiros meses no Rio serem mais suaves. Aos meus amigos: Ygor, Helena, Felipe, Carlos, Brito e muitos outros de quem a distância física tem me separado por enquanto. Amigos que me deram colo e ouviram todas as frustrações e ansiedades, amigos com os quais tenho a sorte de compartilhar a felicidade da conclusão deste trabalho e dessa graduação.

À Manoela e à Cila da Torre de Babel e ao Gui e Adriana do Tradinter Lab, que me permitiram crescer tanto pessoalmente quanto profissionalmente. Também aos meus colegas da iniciação científica, Letícia e Alessandro, que desde o começo foram tão gentis comigo e me acolheram tão bem.

A todos os professores da Faculdade de Letras da UFRJ, que fazem esse ser um dos meus lugares preferidos no mundo. Especialmente ao Diogo Pinheiro e Rafael Trianon: Diogo, meu primeiro professor de linguística, fez eu me apaixonar por esse que é o assunto mais fascinante do mundo; Rafael foi um dos melhores professores que tive durante as matérias da graduação e lembrarei para sempre com carinho de suas aulas, que me encheram de vontade de me aprofundar nos estudos da teoria gerativa.

À Yulia, uma das melhores e mais dedicadas professoras que eu já tive, que há mais de um ano me apresenta a língua e a cultura de um dos países mais lindos do mundo, a Rússia. Sem suas aulas maravilhosas eu não teria nem chegado a ter a ideia inicial desta monografia, muito menos a capacidade de executá-la. E também ao Pedro, que me ajudou não só com a dificuldade que eu tinha com o latim, mas com muitos outros desafios intelectuais que eu jamais pensei que poderia superar. Posso facilmente separar minha graduação entre antes e depois de suas aulas.

Por último, mas não menos importante, ao meu orientador, Prof.º Dr. Alessandro Boechat de Medeiros. É impossível tocar no nome dele sem ouvir elogios à sua inteligência, talento e bom humor. Mais difícil ainda é encontrar ex-alunos que não se sintam completamente encantados com toda a sua sabedoria e seu espírito de renaissance man. Felizmente, tive a oportunidade de testemunhar tudo isso pessoalmente. Quando procurei sua orientação, minha grande vontade de pesquisar era

inversamente proporcional à minha experiência. Ainda assim, ele gentilmente me acolheu, me apresentou o encantador aporte teórico da morfologia distribuída, e apoiou com entusiasmo a minha ideia de estudar as formas supletivas do russo, me incentivando a pesquisar um tema que fizesse meus olhos brilharem. Sou extremamente grata por esse período em que fui orientada por ele, no qual aprendi coisas incríveis que jamais pensei que seria capaz de aprender. Aprendizado esse que, sem todo o seu apoio e mentoria, não teria sido possível.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	8
2.	CONTEXTO.....	10
2.1	A morfologia distribuída.....	10
2.1.1	Três principais características	10
2.1.2	As três listas	12
2.2	A supleção.....	12
2.3	A hipótese de Harley.....	13
2.4	A hipótese de Marantz	14
2.5	Implicações e pontos divergentes das hipóteses de Harley e Marantz .	15
2.6	A supleção no russo	18
3.	DISCUSSÃO E ANÁLISE	20
3.1	A supleção no russo sob o olhar da Morfologia Distribuída	20
3.1.1	Uma derivação segundo Harley	20
3.1.2	Uma derivação segundo Marantz.....	21
3.2	Análise: considerações dos pontos de Harley e Marantz nos dados do russo	22
3.2.1	Ocorrência <i>versus</i> peso.....	22
3.2.2	Comportamento sintático	25
3.2.2.1	Govorit'/skazat' (falar)	26
3.2.2.2	Brat'/vzjat' (pegar).....	27
3.2.2.3	Klast'/polozhit' (colocar).....	30
3.2.2.4	Iskat'/naiti (encontrar, procurar)	32
3.2.2.5	Padat'/upast' (cair, diminuir)	33
3.2.3	Riqueza semântica.....	34
3.2.3.1	Govorit'/skazat' (falar)	34

3.2.3.2	Brat'/vzjat' (pegar).....	35
3.2.3.3	Klast'/polozhit' (colocar).....	35
3.2.3.4	Iskat'/naiti (procurar, encontrar).....	35
3.2.3.5	Padat'/upast' (cair, diminuir).....	35
3.3	Em prol da hipótese de Harley.....	36
4.	CONCLUSÃO.....	37
5.	REFERÊNCIAS.....	38

1. INTRODUÇÃO

A presente monografia trata do fenômeno da supleção sob a ótica da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993). A Morfologia Distribuída, ou MD, é uma teoria de orientação gerativista, isto é, entende a faculdade da linguagem como inata (BATTISTI; OTHERO; FLORES, 2021) e como resultante de uma mutação genética que teria ocorrido em torno de 80 a 100 mil anos atrás (HENSHILWOOD et al., 2002; HENSHILWOOD et al., 2004; BOUZZOUGAR et al., 2007 apud NÓBREGA, 2019). No entanto, uma característica que a diferencia de outras teorias de orientação gerativista é o seu viés não lexicalista. Para a MD, as palavras não são elementos atômicos a serem manipulados pela sintaxe. A sintaxe seria não só o módulo gerador de sentenças, mas também o de palavras que, por sua vez, não seriam indivisíveis ou impenetráveis por essa como sugerem as teorias lexicalistas.

Dentro do aporte teórico da Morfologia Distribuída existem duas principais hipóteses acerca de como se dá a supleção das raízes na derivação da sentença: a de Harley (2014) e a de Marantz (1996). Harley argumenta a favor da individualização das raízes no léxico estrito, da competição de peças de vocabulário no momento da inserção e de uma verdadeira alomorfia supletiva da raiz. Marantz, por outro lado, alega que as raízes não são individualizadas no léxico estrito, que a inserção vocabular de itens lexicais se dá pela escolha do falante e que, por isso, a verdadeira supleção de itens lexicais não existe. Para ele, a alomorfia supletiva é algo que só pode acontecer com itens funcionais (MARANTZ, 1997 apud NOYER, [s.d.]). Logo, a aparente supleção das raízes seria, na verdade, uma supleção de itens funcionais, algo que só ocorre com palavras que, por conta da alta frequência de uso, foram gramaticalizadas e se tornaram leves em conteúdo semântico (MARTELOTTA, 2011), passando a representar morfemas funcionais fixos e limitados da Gramática Universal.

Em russo, existem alguns verbos que apresentam alomorfia supletiva contextual dependente de aspecto, como por exemplo o verbo “falar” (VESELINOVA, 2013), cujo infinitivo imperfeito é “govorit” e o infinitivo perfeito é “skazat” (aqui transliterados do alfabeto cirílico para o latino). O trabalho a seguir procura verificar qual das duas hipóteses citadas acima melhor se verifica nos dados de alomorfia supletiva da língua russa.

A seção 1 introduz o trabalho. Na seção 2, será esclarecido o aporte teórico utilizado no trabalho (2.1), o fenômeno estudado (2.2), as principais hipóteses acerca desse fenômeno dentro do aporte teórico (2.3, 2.4 e 2.5) e, por último, os dados a serem analisados no presente trabalho (2.6). Na seção 3, serão analisados os dados do russo à luz das duas principais hipóteses. A seção 4 conclui esclarecendo qual dessas hipóteses apresentadas melhor se verifica nos dados analisados.

2. CONTEXTO

2.1 A morfologia distribuída

Como mencionado acima, o aporte teórico do presente trabalho é o da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993), uma teoria não lexicalista de orientação gerativista, isto é, uma teoria que postula que o léxico não é impenetrável pela sintaxe, bem como que a faculdade da linguagem é inata e que a sintaxe é o módulo gerativo da língua. Abaixo serão descritas as três características distintivas da MD, bem como as três listas que fornecem conteúdo para a derivação de uma sentença na arquitetura gramatical da teoria.

2.1.1 Três principais características

As três principais características que representam a Morfologia Distribuída são a estrutura sintagmática hierarquizada por toda a derivação, a inserção tardia e a subespecificação das peças de vocabulário, na terminologia de Marantz (1997) e tradução dos termos de Silva e Medeiros Silva e Medeiros ([2016]2020) ¹.

A primeira característica aponta que existe um desencontro entre a palavra fonológica e semântica e que, portanto, a ideia de palavra como um elemento atômico, composto da coincidência perfeita entre essas duas características, não existe. Além disso, Marantz (1996) revisa as nominalizações anteriormente estudadas no artigo de Chomsky (1975[1970])², *Remarks on Nominalization*, a fim de argumentar que as propriedades distribucionais das palavras derivadas naquelas nominalizações são consequência dos mesmos mecanismos sintáticos que organizam as sentenças, não de processos intrínsecos ao léxico. Daí, conclui-se a motivação para sintatizar a estrutura

¹ A data entre colchetes é a data original de publicação. O exemplar consultado para a presente monografia foi a 1ª edição, 1ª reimpressão (2020). A data referenciada ao longo do trabalho será aquela da obra consultada: 2020.

² A data entre colchetes é a data original de publicação. O exemplar consultado para a presente monografia é de 1975. A data referenciada ao longo do trabalho será aquela da obra consultada: 1975.

interna das palavras: postular que o léxico não é um sistema gerativo regido por regras diferentes das da sintaxe. Para a MD, o léxico constituirá apenas uma lista não gerativa de traços morfossintáticos.

A segunda característica sugere que a inserção de conteúdo fonológico só acontecerá uma vez que todas as operações sintáticas estiverem completas. Isto é, primeiro a sintaxe manipulará um conjunto de traços morfossintáticos desprovidos de som e, apenas após todas as operações sintáticas necessárias, os nós terminais da estrutura receberão conteúdo fonológico, o que nos leva à terceira característica.

A subespecificação de peças de vocabulário postula que as peças fonológicas, após as operações sintáticas, competirão pelos nós terminais da estrutura segundo o Princípio do Subconjunto (HALLE, 1997, apud HARLEY, 2014). Ou seja, na competição, a peça deve ter um subconjunto dos traços presentes naquele nó. Ganha a competição, a peça cujo subconjunto melhor corresponder aos traços do nó, ou melhor, aquele que for mais especificado ganha do menos especificado. Tomemos o exemplo de Silva e Medeiros (2020, p. 109) para as desinências número-pessoais do pretérito imperfeito no português:

-a	1ª pessoa do singular
-as	2ª pessoa do singular
-a	3ª pessoa do singular
-mos	1ª pessoa do plural
-eis	2ª pessoa do plural
-am	3ª pessoa do plural

É possível observar que a peça de vocabulário /a/ corresponde tanto à 1ª quanto à 3ª pessoa do singular. Logo, em vez de ser especificada com os traços de número e pessoa, é possível subespecificá-la apenas com o traço de número. A instrução para a inserção vocabular seria a seguinte.

(1) /a/ $\leftarrow \rightarrow$ singular

Ao constatar que essa peça, a princípio, poderia ser inserida em qualquer nó que abarcasse o traço singular, é possível prever um problema: como formular uma regra que impeça a inserção da peça /a/ na 2ª pessoa do singular? É simples: a peça que sabemos ser a mais apropriada para a inserção na 2ª pessoa do singular, /as/, é a mais apropriada para esse, e somente esse, contexto. Logo, a instrução para a inserção vocabular dessa peça é a descrita abaixo.

(2) /as/ \leftrightarrow 2ª pessoa do singular

Suponhamos que haja um nó com os traços [2ª pessoa] e [singular] pelo qual as peças estejam competindo. É possível que a peça (1) inicialmente faça parte da competição, dado que possui um traço [singular] correspondente ao do nó citado. Porém, a peça que ao fim ganha tal competição é a (2), visto que (2) possui um número maior de traços correspondentes com o nó do que a peça (1). Em outras palavras, (2) é mais especificada do que (1) para o nó em questão.

2.1.2 As três listas

Ao longo da derivação das palavras e da sentença, A Morfologia Distribuída manipula o conteúdo de três listas: o léxico estrito, o vocabulário e a enciclopédia.

Do léxico estrito, a lista 1, retira-se um conjunto de traços morfossintáticos, uma pré-seleção chamada por Silva e Medeiros (2020) de “numeração”. Os itens da numeração serão concatenados dois a dois a partir da operação sintática *merge*.

Após as operações sintáticas, uma estrutura será gerada na operação Spell-Out, que então será mandada para a forma fonológica (PF, phonological form) e a forma lógica (LF, logical form) (HARLEY, 2014). Na PF, encontraremos instruções de pronúncia para os nós terminais, as peças de vocabulário. Em contrapartida, após a LF, na Interface Conceitual, a enciclopédia será consultada para o fornecimento de informação não composicional acerca de determinados pedaços da estrutura em um dado contexto morfossintático (MARANTZ, 1996).

2.2 A supleção

O problema a ser investigado nesta monografia se encontra no domínio do fenômeno da supleção. Esse fenômeno ocorre quando, dentro de um mesmo paradigma flexional, “não há material fonológico compartilhado entre as formas” (VESELINOVA, 2006, p. 15, tradução nossa). Veselinova (2006) também argumenta que, em muitos modelos da teoria gerativa, o estudo da supleção foi ignorado, dado que o fenômeno era

visto como uma consequência das idiossincrasias do léxico e seu estudo como desinteressante. Com o advento de uma teoria não lexicalista como a Morfologia Distribuída, esse fenômeno volta a ser relevante, visto que o léxico não é mais o lugar das relações não previsíveis, mas das operações sintáticas.

Um exemplo de supleção no inglês trazido por Harley (2014, p. 233) é o do verbo “to go” que, conjugado no pretérito, insere a peça “wen-” no nó de sua raiz, ou do adjetivo “bad”, que adota a forma “worse” no comparativo.

De acordo com Harley (2014), a alta frequência de uso de uma palavra é uma condição *sine qua non* para que a supleção ocorra. Caso contrário, o aprendizado das formas supletivas seria impossível de um ponto de vista da aquisição. Ao mesmo tempo, Harley considera que é provável que palavras de alta frequência possuam um sabor universal, dado que essas serão aquelas que falam acerca da experiência humana. Isso acarreta uma convergência dos conjuntos de palavras supletivas, palavras de alta frequência numa dada língua, e lexemas de alta frequência em línguas naturais pelo mundo todo. Isso é confirmado nos dados de Veselinova (2006), que atesta um alto nível de supleção em certos lexemas comuns a muitas línguas naturais, e com alta frequência de uso em muitas línguas naturais ao redor do mundo (esse é o caso do lexema “go/come”, um dos campeões de ocorrências supletivas da amostra).

Tanto Harley (2014) quanto Marantz (1996) observam o fenômeno da supleção de um ponto de vista sincrônico, dado que o ponto de vista diacrônico (isto é, saber da etimologia de formas supletivas) não possui grande influência no aprendizado das formas ou na aquisição das categorias funcionais supletivas. Esse aprendizado ocorre no presente, longe da origem ou contexto que causou a supleção que persiste hodiernamente, e, muitas vezes, com o falante alheio à história da palavra. Tal esclarecimento é fundamental, uma vez que análise sincrônica é a que permeia tanto as hipóteses de base quanto a análise das formas em russo a seguir.

2.3 A hipótese de Harley

Harley (2014), em seu artigo *On the identity of roots*, estuda os dados de uma língua uzo-asteca, o hiaki. Essa língua possui alomorfia contextual condicionada por número. Como exposto acima, isso significa que, a depender do traço (singular ou

plural) de um dado argumento, uma ou outra forma vencerá a competição vocabular. Formas essas que, apesar de fazerem parte do mesmo paradigma flexional, não são relacionadas fonologicamente.

Harley, como mencionado anteriormente, argumenta que as raízes entram individualizadas na numeração do léxico estrito. Elas não possuem conteúdo semântico ou fonológico, mas possuem instruções para a inserção vocabular e interpretação enciclopédica em dados contextos morfossintáticos.

Essa individualização se dá a partir de uma notação sugerida por Pfau (2000, 2009 apud HARLEY, 2014) e Acquaviva (2008 apud HARLEY, 2014), que ocorre da seguinte forma. Uma raiz, indexada pelo número 100, digamos, entraria na numeração como $\sqrt{100}$. Essa especificação garante a competição de um dado subconjunto de itens vocabulares pela realização fonológica da raiz (quando a estrutura for enviada para a PF), assim como possíveis entradas enciclopédicas (na Interface Conceitual). As instruções da $\sqrt{100}$ seriam diferentes das da $\sqrt{200}$, $\sqrt{359}$, e assim por diante.

No caso do verbo “to go”, que sofre supleção no inglês, a derivação se daria de forma que a raiz hipotética $\sqrt{200}$ entra na numeração, sofre as operações sintáticas necessárias e, ao chegar na PF, possui as seguintes instruções para inserção:

- (3) $\sqrt{200} \leftrightarrow /wen-/$ [pretérito]
- (4) $\sqrt{200} \leftrightarrow /go/$ [elsewhere]

A raiz, então, verifica se, no nó T que a c-comanda, está presente o traço [pretérito]. Caso esse seja atestado, a peça mais especificada, (3), vence a competição e é inserida no nó terminal.

2.4 A hipótese de Marantz

Para Marantz (1996), por outro lado, só entram na numeração aquelas informações que são relevantes para o sistema computacional da sintaxe (o que exclui conteúdo fonológico, depois fornecido pelo vocabulário, e conteúdo semântico não composicional, depois fornecido pela enciclopédia).

A motivação para isso, afirma Marantz, é que

a diferença semântica entre “cão” e “gato” não influencia nenhum princípio, regra ou restrição sintática ou semântico composicional; dessa forma, qualquer que seja a característica de “cão” que o distingue de “gato”, essa característica não fará parte do léxico estrito. (MARANTZ, 1996, p. 3, tradução nossa).

Portanto, ao dizer que essa diferença semântica não é composicional, ele obrigatoriamente a categoriza como do domínio da enciclopédia que, ainda segundo ele, lista os significados não composicionais.

Sendo assim, se nem o conteúdo fonológico, nem o conteúdo semântico não composicional entram para a numeração, o que entra? O que seria, para Marantz, relevante do ponto de vista do sistema computacional da sintaxe? Ele alega que algo que depois vem a se tornar “cat” ou “dog” inicialmente entra para a numeração apenas como um n[count, animate]. Nesse nó n[count, animate], tanto “cat” quanto “dog” poderiam ser inseridos, visto que não há nenhum fator prévio que condicione a inserção de um ou outro.

Dessa forma, a inserção nesse nó não se daria por competição, mas de acordo com a intenção comunicativa do falante, já que não existem fatores prévios que possibilitem essa competição. O falante seleciona “cat” quando tem a intenção de comunicar “cat”, e “dog” quando tem a intenção de comunicar “dog”.

Também nesse mesmo artigo, Marantz afirma que qualquer escolha não condicionada pelo *elsewhere principle*, ou seja, intencional, precisa ser interpretada semanticamente. Logo, na interface conceitual a leitura enciclopédica terá de considerar a escolha vocabular intencional feita na PF: se o falante escolheu “cat”, a enciclopédia não pode interpretar aquele nó como “dog”.

Essa livre-escolha do falante, que implica ausência de competição motivada pelo contexto morfossintático, acarreta o fato de que, se não há competição, não há verdadeira supleção (como a mencionada no artigo de Harley, onde um dado contexto morfossintático motiva a competição das peças por uma mesma raiz).

2.5 Implicações e pontos divergentes das hipóteses de Harley e Marantz

Como dito acima, o primeiro ponto de divergência das hipóteses é que a competição e a livre escolha de peças de vocabulário são situações excludentes. Ou a peça é especificada o suficiente para permitir que um determinado contexto morfossintático gere supleção, ou não é, e o contexto morfossintático não tem papel na inserção, deixando a escolha da forma a cargo do falante.

Outra discordância entre as duas hipóteses é a interpretação da convergência do conjunto de palavras supletivas com o de palavras de alta frequência de uso. Para Harley (2014), como já dito, a alta frequência de uso representa uma condição que torna possível o aprendizado de formas supletivas. Para Marantz, por outro lado, essa convergência aponta na direção da inexistência de uma verdadeira supleção de raízes.

De acordo com Noyer ([s.d.]), Marantz afirma que a verdadeira supleção “ocorre apenas com peças de vocabulário competindo por morfemas funcionais, já que a competição é algo que só pode ocorrer por morfemas funcionais” (1997 apud NOYER, [s.d.], n.p, tradução nossa). Ele também afirma que essa classe de morfemas funcionais é determinada pela Gramática Universal e, portanto, limitada a “categorias universais sintático-semânticas” (MARANTZ, 1997 apud NOYER, [s.d.], n.p, tradução nossa).

Disso, depreende-se que Marantz entende que a inserção nesses morfemas funcionais supletivos não é de livre escolha, como no caso acima de “cat” ou “dog”, mas motivada pela competição. Depreende-se também que, para ele, os morfemas que apresentam supleção não podem ser lexicais, já que esses não seriam categorias universais da GU e, já que o falante não está procurando pelo expoente desse morfema, o aprendizado dessas formas seria impossível.

É possível supor que Marantz formula tal proposta porque observa que as raízes que normalmente sofrem supleção são aquelas de alta frequência, e também é sabido que aquelas palavras de mais alta frequência podem possuir tendência a sofrer gramaticalização: processo em que a palavra, ao longo do tempo, vai perdendo seu conteúdo lexical e se tornando cada vez mais funcional (MARTELOTTA, 2011).

Dado o fenômeno da gramaticalização, é possível julgar que, para Marantz, o que existe ali não são de fato raízes, mas morfemas funcionais com um certo toque semântico. Ou seja, assim como o que depois vem a ser “cat” entra na numeração apenas como n [+count] [+animate], um verbo leve como “ir” poderia entrar na numeração como v[GO]. Esse v[GO] seria um morfema funcional da GU, dedutível de “propriedades globais da estrutura” (HARLEY, 2014, p. 233).

Considerando os significados das raízes como “potencialmente infinitos” (HARLEY, 2014, p. 232), é possível concluir que, para Marantz, se a supleção fosse verdadeiramente das raízes, e não de morfemas funcionais, o aprendizado das formas supletivas seria impossível (já que estaríamos lidando com a possibilidade de supleção em um grupo potencialmente infinito). Em contrapartida, no ponto de vista dele, ao considerar que a supleção é de morfemas funcionais, e não de raízes, estamos lidando com algo universal, limitado, e passível de ser aprendido.

Para Marantz, um modo de identificar esses tais expoentes de formas funcionais é constatar que eles são o que se chama de “leves”. Ainda em seu artigo de 1996, ele apresenta o que chama de “‘light-verb’ constructions” (MARANTZ, 1996, p. 10).

- a. Take a leap
- b. Take a leak
- c. Take a piss
- d. Take a break..... (MARANTZ, 1996, p. 10)

Segundo ele, a principal característica desses verbos é que, em construções como essas acima, a construção inteira apresenta a semântica de outro verbo lexical. Dessa forma, “take a leap” possui a mesma semântica de “to leap”, “take a piss” de “to piss”, e assim por diante. Um caso semelhante em português é o de “dar porrada”³, onde essa construção teria o mesmo valor de “bater”. Nesses casos, o verbo da construção possui significado leve que é, de certa forma, substituído pelo significado de seu complemento (nos exemplos em inglês, ninguém está “pegando” nada; no exemplo em português, ninguém está “dando” nada).

Esse seria, portanto, o ponto mais sensível do embate entre as duas hipóteses: se for constatado que as formas supletivas são sempre leves, isso de certo favorece a hipótese de Marantz. Harley, por outro lado, por mais que admita que existe uma sobreposição entre os conjuntos das palavras leves e o das supletivas, interpreta isso apenas como correlação, e não causalidade: ela aponta que muitas palavras supletivas são leves por conta de sua alta frequência de uso, afinal, essa favorece o fenômeno da gramaticalização, que as torna leves. Porém, ela afirma que essa gramaticalização não é um pré-requisito para a supleção, como mostra ao destacar certos lexemas supletivos não leves do corpus de Veselinova (2003, p. 222 apud HARLEY, 2014, p. 235, tradução

³ Exemplo oferecido pelo orientador.

nossa): “cair.na.água”, “contornar.algo.fora.de.vista”, “nadar”,
 “arrancar.com.uma.dentada”, “apostar”, “fazer.saco.de.rede”.⁴

Esse ponto de discussão será fundamental na análise das palavras do russo.

2.6 A supleção no russo

Muitos autores, como Svenonius (2004), já se debruçaram sobre a alternância aspectual relativamente regular do paradigma verbal russo. No russo, bem como em muitas línguas eslavas, considera-se que os verbos possuem pares infinitivos aspectuais: o aspecto imperfeito terá uma forma e o perfeito terá outra. Tal alternância se estende não apenas ao infinitivo, como também ao verbo conjugado.

Como já mencionado, essa alternância aspectual é relativamente regular, dando-se através da anexação de prefixos ou sufixos (SVENONIUS, 2004) como nos exemplos abaixo.

(5)

Nº	Verbo	Infinitivo imperfeito	Infinitivo perfeito
1	escrever	pisat’	<u>napisat’</u>
2	cozinhar/preparar	gotovit’	<u>prigotovit’</u>
3	abrir	otkryvat’	otkryt’
4	resolver	reshat’	reshit’

Existem, porém, formas não regulares de alternância aspectual como as seguintes, transliteradas do alfabeto cirílico para o latino.

(6)

⁴ No corpus de Veselinova, 33 línguas apresentaram supleção condicionada por número verbal. Os lexemas acima destacados por Harley vieram não de apenas uma língua, mas de várias línguas dentre essas 33. O texto original (em inglês) e a tradução representam apenas a tradução do significado desses verbos, sem a intenção de afirmar que os verbos também são supletivos em inglês ou português.

Nº	Verbo	Infinitivo imperfeito	Infinitivo perfeito
1	falar	govorit'	skazat'
2	pegar	brat'	vzjat'
3	colocar	klast'	polozhit'
4	procurar, encontrar	iskat'	naiti
5	cair, diminuir	padat'	upast'

Os verbos 6.1, 6.2 e 6.3 foram retirados do World Atlas of Language Structures Online (VESELINOVA, 2013). Já os verbos 6.4 e 6.5 foram retirados da lista Top 500 Russian Verbs ([s.d.]).

As formas acima serão analisadas a seguir, sob a lente da Morfologia Distribuída, com a finalidade de atestar qual das duas hipóteses discutidas anteriormente melhor se adequa aos dados da língua russa.

3. DISCUSSÃO E ANÁLISE

3.1 A supleção no russo sob o olhar da Morfologia Distribuída

Será detalhada abaixo a inserção de vocabulário do verbo “falar” em russo (govorit’/skazat’), um dos verbos supletivos apresentados acima, segundo as hipóteses de Harley e Marantz.

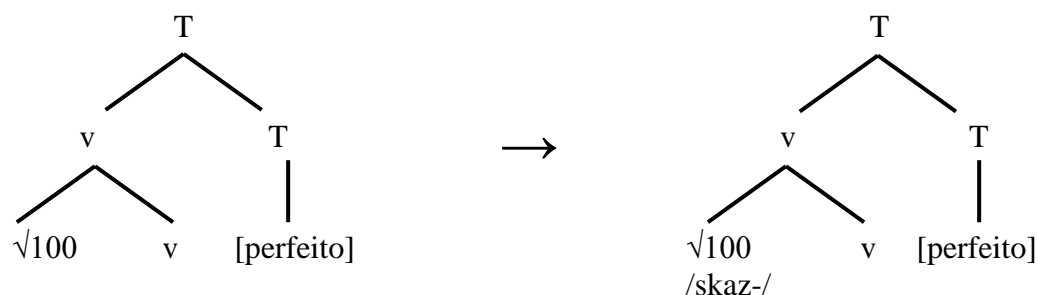
3.1.1 Uma derivação segundo Harley

Para Harley, uma dada raiz entraria na derivação com as seguintes instruções para a inserção vocabular e leitura enciclopédica.

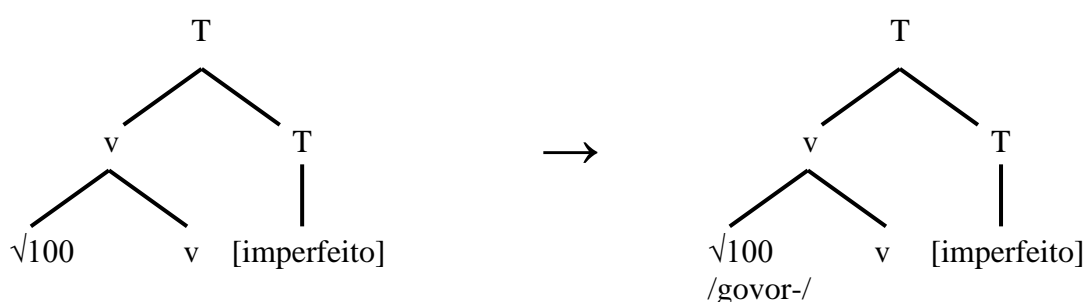
Instrução para a PF	Instrução para a LF
$\sqrt{100} \longleftrightarrow$ /skaz-/ [perfeito]	$\sqrt{100} \longleftrightarrow$ “falar”
/govor-/ [elsewhere]	

Após todas as operações sintáticas, a estrutura é mandada para a PF e a LF. Na PF, no momento da inserção, a raiz escaneia a estrutura acima dela à procura do nó T/Asp que a c-comanda, a fim de verificar se ele possui o traço [perfeito]. Caso ele esteja presente, a peça de vocabulário inserida é /skaz-/. Caso contrário, a peça de vocabulário inserida é /govor-/.

(7)



(8)

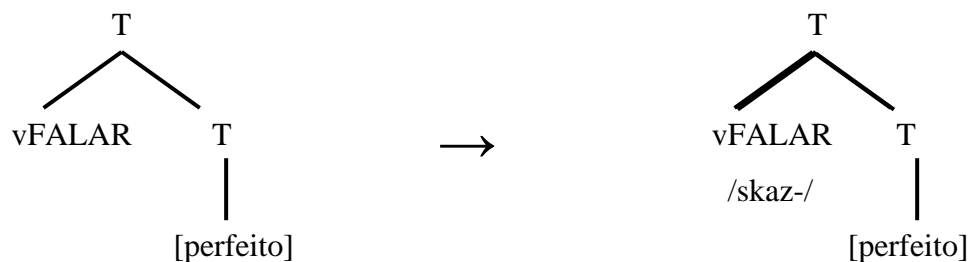


Isso conclui a inserção vocabular de peças supletivas.

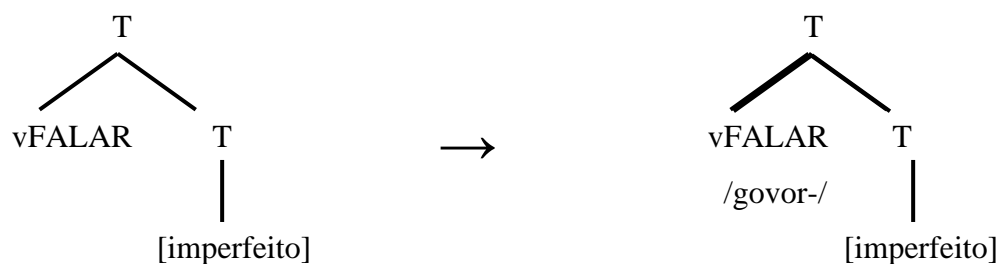
3.1.2 Uma derivação segundo Marantz

Para Marantz, como já mencionado, o que entra na numeração não é uma raiz especificada como $\sqrt{100}$, por exemplo, mas um morfema funcional bem menos especificado que possui apenas as características relevantes à manipulação do sistema computacional da sintaxe. Logo, se algo que depois vem a ser “cat” inicialmente entra na numeração como n [+count] [+animate], então o verbo “falar” acima poderia entrar como v [FALAR] ou vFALAR. Essa categoria funcional, vinda da GU, receberia um ou outro expoente dependendo do nó de T/Asp que o c-comanda.

(9)



(10)



3.2 Análise: considerações dos pontos de Harley e Marantz nos dados do russo

Para avaliar os dados do russo de acordo com as hipóteses de Harley e Marantz, é preciso avaliá-los de acordo com três critérios: ocorrência *versus* peso, comportamento sintático e riqueza semântica.

3.2.1 Ocorrência *versus* peso

Para iniciar a análise da supleção no russo sob a ótica de Harley e Marantz, é preciso introduzir o que Veselinova (2006) classifica como lexemas de alto e baixo peso. No corpus da autora, existem duas classificações de extrema importância para a análise a seguir: frequência geral e peso.

A frequência geral é a porcentagem que representa, dentro da amostra, em quantas línguas um determinado lexema apresenta supleção. O peso, por outro lado, representa o grau de parentesco genealógico entre as línguas em que um determinado

lexema é supletivo: quanto mais próximo o parentesco das línguas, menor o peso. A classificação de peso é importante porque procura “eliminar a influência de famílias linguísticas grandes bem como de línguas com parentesco próximo, já que essas línguas acabam por ter pesos menores” (VESELINOVA, 2006, p. 44).

Um exemplo da aplicação dos dois valores é: digamos que o verbo “comer” possua forma supletiva em 20% das línguas do corpus, porém, na porcentagem de peso, ele represente 1%. Isso seria uma indicação de que as línguas em que esse verbo aparece como supletivo possuem parentesco genealógico próximo.

Podemos, então, pensar nos pesos dos lexemas supletivos como um ponto a favorecer uma ou outra das hipóteses acima nos dados do russo. Se as formas supletivas do russo forem de alto peso, será favorecida a hipótese de Marantz, dado que a ocorrência da supleção de um mesmo lexema em línguas de parentesco genealógico distante sugere um morfema funcional universal subjacente àquele lexema, provavelmente gramaticalizado e de conteúdo semântico pobre. Da mesma forma, se as formas supletivas do russo forem de baixo peso, será favorecida a hipótese de Harley, já que o baixo peso do lexema poderia indicar que a supleção dele num determinado grupo de línguas de parentesco próximo se deve não a um morfema funcional e universal, mas a alguma especificidade daquela raiz naquela família linguística.

Repetimos, então, abaixo a amostra número (6).

Nº	Verbo	Infinitivo imperfeito	Infinitivo perfeito
1	falar	govorit'	skazat'
2	pegar	brat'	vzjat'
3	colocar	klast'	polozhit'
4	procurar, encontrar	iskat'	naiti
5	cair, diminuir	padat'	upast'

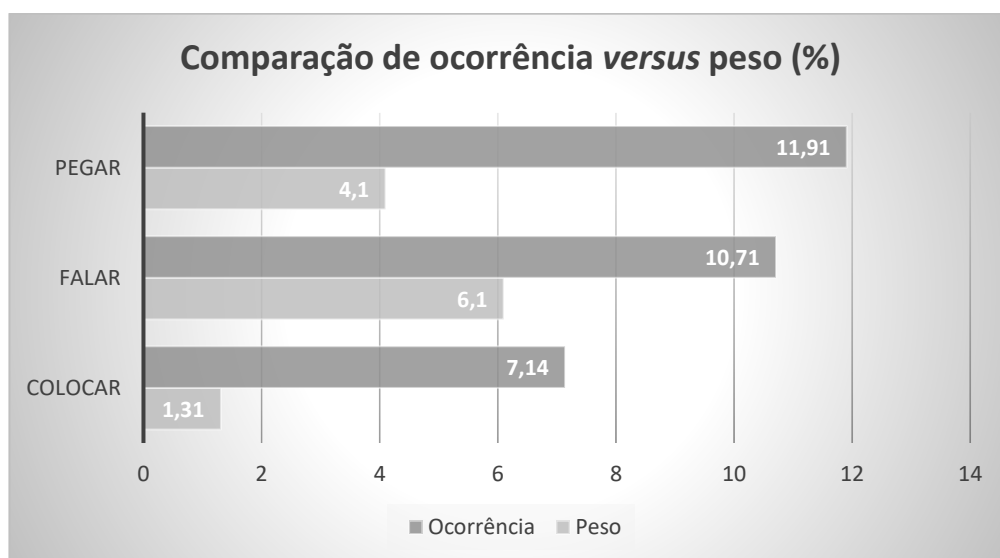
Dos verbos acima, apenas 1, 2 e 3 figuram no corpus de Veselinova (2006, p. 75). Visto que ela coletou dados supletivos da língua russa, a ausência dos verbos 4 e 5 pode sugerir que ela não os considera supletivos ou que eles escaparam à sua busca. Na falta de confirmação, continuaremos a considerá-los supletivos nesse trabalho. Além disso, como veremos abaixo, esses verbos não só não ocorrem nos registros de supleção

por aspecto da língua russa, mas também não ocorrem nos registros de supleção por aspecto das outras línguas do corpus, podendo ser interpretados como lexemas que não possuem alta frequência de supleção.

Dentre os verbos acima, “pegar” e “falar” são, nessa ordem, os dois lexemas do grupo em que mais ocorre supleção motivada por aspecto. Dentre as 84 ocorrências de supleção por aspecto atestadas, “pegar” representa 10 (2º lugar, 11,91%) e “falar” representa 9 (3º lugar, 10,71%). “Colocar” está em 6º lugar, com 6 ocorrências (7,14%). O primeiro lugar é ocupado por “ir/vir”, com 19 ocorrências (22,62%) e peso de 33,99%.

Quanto ao peso, “pegar” tem peso de 4,10%. “Falar”, 6,10%. E “colocar”, 1,31%.

(11)



“Pegar” possui quase metade das ocorrências de “ir/vir”, mas o peso não segue essa tendência. Enquanto “ir/vir” possui peso de 33,99%, “pegar” possui apenas 4,1%, o que sugere que as línguas em que esse lexema é supletivo possuem parentesco genealógico próximo. O peso de “falar”, por outro lado, é relativamente alto. Apesar de só possuir uma ocorrência a menos que “pegar”, “falar” possui um peso 2% maior, com menos discrepância entre ocorrência *versus* peso. Isso simboliza que as línguas em que “falar” é supletivo são menos próximas genealogicamente do que as línguas em que “pegar” é supletivo.

“Colocar”, com 6 ocorrências, possui um peso muito baixo (1,31%). O peso de pegar se assemelha ao daqueles lexemas que possuem apenas 1 ou 2 ocorrências.

(11)

Lexema	Ocorrências	Peso
Ouvir	2	0,98%
Sentir frio	1	1,19%
Chorar	1	0,90%

(VESELINOVA, 2006, p. 75)

Quanto a “procurar” e “cair”, podemos supor que a ocorrência de supleção nesses lexemas é baixa, já que eles nem figuram no corpus. Sem a porcentagem de ocorrência, porém, não é possível acessar o peso.

3.2.2 Comportamento sintático

Ao comentar os verbos do hiaki, Harley (2014) argumenta que o comportamento sintático do verbo é um fator a se considerar no momento de defini-lo como um verbo leve ou não. Esse comportamento sintático que sugere leveza é o que Marantz chama de “‘light-verb’ constructions” (1996, p. 10), como já descrito na seção 2.7 da presente monografia. Nesse tipo de construção, um verbo com uma certa pobreza semântica absorve o significado do complemento de modo que a construção inteira terá o sabor e peso de verbo principal. Alguns exemplos comentados anteriormente foram “dar porrada” e “take a leap”. No primeiro, a construção inteira terá o mesmo valor do verbo “bater” e, no segundo, do verbo “saltar”. Consequentemente, entende-se que quando alguém “dá porrada”, não está “dando” nada, e quando “takes a leap”, não está “pegando” nada.

Harley argumenta, ainda na análise dos verbos do hiaki, que certos verbos dessa língua não são leves porque apresentam supleção mesmo quando atuam como verbos lexicais. Dessa forma, entendemos que verbos que se comportam como funcionais

favoreceriam a hipótese de Marantz, enquanto verbos com comportamento lexical favorecem a hipótese de Harley.

Com o objetivo de compreender melhor o comportamento sintático dos verbos com alomorfa supletiva no russo, foi feita uma pesquisa no Russian National Corpus (2003) com o seguinte preenchimento dos campos de pesquisa:

- Corpus: syntax (outras opções: main, spoken)
- Word: formato « or »; exemplo: говорить|сказать
- Grammatical features: V|trans (verbo; transitivo)
- Semantic features: aux:phase|aux:caus (auxiliary verbs : phasal verbs|auxiliary causatives)

Foram visualizados os resultados das 10 primeiras páginas. Cada página continha 10 documentos, logo, foram visualizados 100 documentos para cada par de verbos. A pesquisa envolveu uma busca ativa dos verbos acima em situação de uso leve, como as descritas anteriormente com os exemplos “dar porrada”/”bater”, “take a piss”/”mijar”.

Os resultados seguintes contêm, nesta ordem de apresentação, a frase original transliterada, uma glosa das palavras com os traços morfossintáticos relevantes e a frase original em russo, no alfabeto cirílico. Caso necessário, é possível encontrar o documento e ocorrência no corpus copiando a frase em cirílico e colocando-a no campo “search by exact form”. Os verbos pesquisados estão em negrito para que seja possível reconhecê-los mesmo quando flexionados.

3.2.2.1 Govorit’/skazat’ (falar)

Maioria dos significados registrados: dizer, falar.

Divergentes:

(12)

(12.1) Frase original:

Skazat’	svoje	slovo
Falar.perf.inf	sua	palavra
(сказать)	свое	слово)

Tradução literal: **Falar** a sua palavra.

Significado: Opinar.

Documento (nº e nome): **18.** Материалы Уппсальского корпуса, коллекция 266.

(12.2) Frase original:

Govorit	v	zakljuchenie
Falar.imperf.pres	em	conclusão
(говорит	в	заключение)

Tradução literal: **Diz** em conclusão.

Significado: Conclui.

Documento (nº e nome): **42.** Материалы Уппсальского корпуса, коллекция 606

Apesar da presença de exemplos levemente divergentes da norma “dizer” e “falar”, esses exemplos não serão considerados como evidência de uso leve. “Concluir” e “opinar” não estão totalmente fora do campo semântico de “falar”. Comparando com os exemplos da introdução da subseção 3.2.2: é possível “concluir” e “opinar” através da fala, mas não é possível “mijar” (to piss) “pegando” (to take a piss).

3.2.2.2 Brat’/vzjat’ (pegar)

Maioria dos significados: tomar, levar, tirar, pegar, assumir.

Divergentes:

(13)

(13.1) Frase original:

Vzjala	sebjá	v	ruki
Pegar.perf.pret	se.pronome.reflexivo	em	braço
(взяла	себя	в	руки)

Tradução literal: **Pegou-se** pelo braço.

Significado: Recompôs-se.

Documento (nº e nome): 18. Пушкинский дом.

(13.2) Frase original:

Ego **brali** na rabotu
 Ele.acus **pegar.imperf.pret** em trabalho.acus
 (ego **брали** на работу)

Tradução literal: **Pegaram**-no para o trabalho.

Significado: Contrataram-no.

Documento (nº e nome): 39. Невольник долга. Exemplo semelhante no documento 84.

(13.3) Frase original:

V tolk ne **berut**
 Em conta não **pegar.imperf.3ª.sg.pres**
 (в толк не **берут**)

Tradução literal: Não **levadas** em conta.

Significado: Não contempladas, não compreendidas.

Documento (nº e nome): 41. Все медные и серебряные на императорском кону.

(13.4) Frase original:

On reshil **vzjat'** revansh
 Ele decidir.pret **pegar.perf.inf** vingança
 (он решил **взять** реванш)

Tradução literal: Ele decidiu **tomar** vingança.

Significado: Ele decidiu se vingar.

Documento (nº e nome): 42. "Уроки итальянского".

(13.5) Frase original:

Brali svoe nachalo
Pegar.imperf.pret.pl seu começo
 (**брали** свое начало)

Tradução literal: **Pegou** começo.

Significado: Começou, originou.

Documento (nº e nome): 66. На двух войнах ч.2. Exemplos semelhantes nos documentos 93 e 97.

(13.6) Frase original:

Vzjali napravlenie
Pegar.perf.pret.pl direção
 (взяли направление)

Tradução literal: **Tomou** direção.

Significado: Direcionou-se.

Documento (nº e nome): 74. На двух войнах. Часть 1.

(13.7) Frase original:

Vzjala kurs
Pegar.perf.pret curso
 (взяла курс)

Tradução literal: **Tomou** rumo/curso.

Significado: Direcionou-se.

Documento (nº e nome): 77. "Как меня хоронили".

(13.8) Frase original:

Voz'met vash sled
Pegar.perf.fut seu rastro
 (возьмет ваш след)

Tradução literal: **Toma** seu rastro.

Significado: Direciona-se.

Documento (nº e nome): 80. Оправдание телевидения.

(13.9) Frase original:

Brat' (...) intervju
Pegar.imperf.inf entrevista
 (братъ (...)) интервью)

Tradução literal: **Pegar** entrevista.

Significado: Entrevistar.

Documento (nº e nome): 81. Порошенко должен победить.... Exemplo semelhante no documento 92.

(13.10) Frase original:

Brat' analizy
Pegar.imperf.inf exames

(**брать** анализы)

Tradução literal: **Pegar** exames.

Significado: Examinar.

Documento (nº e nome): 83. Списки Шиндлеров: 28 историй о банальности добра

(13.11) Frase original:

Vzjala na porochenie
Pegar.perf.pret em cuidado
 (взяла на попечение)

Tradução literal: **Pegou** sob cuidado.

Significado: Cuidou, apadrinhou.

Documento (nº e nome): 85. Блокадное детство.

É possível observar a partir dos exemplos acima que o verbo “pegar” em russo é extremamente leve. Essa leveza se constata na maleabilidade ilustrada acima, onde ele é manipulado em contextos diversos. Nesses contextos, “pegar” some e acaba absorvendo o significado do complemento.

3.2.2.3 Klast'/polozhit' (colocar)

Nessa busca, foram achados apenas 64 documentos.

Maioria dos significados: colocar.

Divergentes:

(14)

(14.1) Frase original:

Polozhit konets
Colocar.perf.pres fim
 (положит конец)

Tradução literal: **Põe** fim.

Significado: Termina, acaba.

Documento (nº e nome): **2.** Материалы Уппсальского корпуса, коллекция 220. Exemplos similares nos documentos 3, 4, 10, 20, 27, 48, 56.

(14.2) Frase original:

Polozhen	v	osnovu
Colocar.perf.passivo	em	base
(положен	в	основу)

Tradução literal: **Colocado** na base.

Significado: Iniciado.

Documento (nº e nome): **16.** Ультразвуковой рентген мозга. Exemplo similar no documento 17.

(14.3) Frase original:

Byla	polozhena	v	osnovu
Ser.pret	colocar.perf.passivo	em	base
(была	положена	в	основу)

Tradução literal: **Era colocada** na base.

Significado: Sustentava.

Documento (nº e nome): **24.** Сверхновая экономика.

(14.4) Frase original:

Kladi	trubku
Colocar.imperf.imperativo	aparelho portátil
(клади	трубку)

Tradução literal: **Coloque** o aparelho portátil.

Significado: Desligue.

Documento (nº e nome): 30. Несовременные технологии

(14.5) Frase original:

Polozhilo	nachalo
Colocar.perf.pret	começo
(положило	начало)

Tradução literal: **Pôs** começo.

Significado: Iniciou.

Documento (nº e nome): **31. Формула-1. Exemplos semelhantes nos documentos: 33, 36, 37, 44, 47.**

(14.6) Frase original:

V ejo osnovu **byli** **polozheny** antroposofskie idei
 Em ela.acus base.acus **ser.pret.pl colocar.perf.passivo.pl** antroposóficas ideias
 (В ee основу **были** **положены** антропософские идеи)

Tradução literal: Em sua base **foram colocadas** ideias antroposóficas.

Significado: Basearam-se em ideias antroposóficas.

Documento (nº e nome): 35. Плоды альтернативного просвещения.

(14.7) Frase original:

Polozhila glas
Colocar.perf.pret olho
 ("положила глаз")

Tradução literal: **Colocou** o olho.

Significado: Observou.

Documento (nº e nome): 49. Материал новостных лент Интернета 2002-2003, коллекция 5

Apesar dos usos aqui não serem tão diversos e leves quanto em “pegar”, também pode-se considerar que “colocar” se comporta como um verbo leve.

3.2.2.4 Iskat’/naiti (encontrar, procurar)

Maioria dos significados: procurar, buscar (também no sentido de “procurar”, não de “pegar”), pesquisar.

Divergentes: não houve ocorrência de significado divergente desses descritos acima ou usos leves do verbo.

Empenhando-se em pensar em um possível uso leve de “procurar” em português, é possível levar em consideração a construção “procurar confusão”. Porém, apesar de esse ser um uso em que o verbo se torna relativamente leve, é difícil pensar em um verbo principal que possua exatamente esse significado. Poderíamos pensar no

informal “tretar” mas, ainda assim, esse não é exatamente adequado, já que “tretar” estaria mais para “fazer confusão”.

De qualquer forma, dado que não há ocorrências de uso leve do verbo “procurar” entre os 100 primeiros resultados do corpus, e que ele também não é um verbo obviamente leve como “pegar” (isto é, não é usado em larga escala como verbo leve no dia a dia), podemos considerar o verbo “procurar” como lexical na língua russa.

3.2.2.5 Padat’/upast’ (cair, diminuir)

Maioria dos significados: cair, diminuir.

Divergentes:

(15)

(15.1) Frase original:

Padal	dozhd’
Cair.imperf.pret	chuva
(падал	дождь)

Tradução literal: **Caía** chuva.

Significado: Chovia.

Documento (nº e nome): 5. Вдовый пароход

(15.2) Frase original:

Ne	padat’	dukhom
Não	cair.imperf.inf	alma.instrumental
(не	падать	духом)

Tradução literal: Não **cair** em espírito.

Significado: Não desanimar.

Documento (nº e nome): 8. Кафедра

(15.3) Frase original:

Sneg (...)	nachinaet	padat’
Neve	começa	cair.imperf.inf
(снег (...)	начинает	падать)

Tradução literal: Neve (...) começa a **cair**.

Significado: Nevar.

Documento (nº e nome): 33. Герои, апостолы, женщины и города.

Das ocorrências acima, que possuem a possibilidade de serem lidas como leves, podemos descartar “chover” e “nevar”. Apesar de elas representarem uma ‘light-verb’ construction no sentido de poderem ser lidas como outros verbos lexicais, os sentidos desses verbos lexicais não se afastam do verbo “cair” da mesma forma que “mijar” (to piss) se afasta de “take” (to take a piss). É possível entender “chover” e “nevar” como fenômenos da natureza que fazem a água “cair” no mesmo sentido daquele observado nas outras ocorrências do corpus: ir de cima para baixo.

Ainda que sem a intenção de ignorar a ocorrência leve de “desanimar”, é preciso entender o verbo “cair” como um verbo que, dentre os 100 documentos observados, apresentou uso quase unanimemente lexical. Dessa forma, ele será considerado como um verbo de comportamento lexical no russo.

3.2.3 Riqueza semântica

No geral, é possível logo considerar “pegar” e “colocar” (ou “pôr”) como verbos semanticamente pobres em várias línguas naturais. “Falar”, “procurar” e “cair” não são exemplos tão óbvios de pobreza semântica, mas ainda assim é perigoso considerá-los semanticamente ricos sem antes avaliar o seu uso em uma língua específica. Em vista disso, existe a possibilidade de usar o comportamento sintático verificado acima para argumentar a favor da leveza ou não do verbo em questão no russo especificamente.

3.2.3.1 Govorit’/skazat’ (falar)

Apesar de terem sido trazidos exemplos que divergem da interpretação padrão “falar” ou “dizer”, foi considerado que esses usos não constituem usos leves. Esse verbo, portanto, não será considerado semanticamente pobre no russo.

3.2.3.2 Brat'/vzjat' (pegar)

A avaliação do comportamento sintático de “pegar” no russo apresentou uma grande variedade de usos leves em que o verbo se metamorfoseou de acordo com o complemento da ocasião. Essa avaliação se soma ao fato de esse verbo já ser habitualmente considerado leve. Logo, ele será considerado um verbo semanticamente pobre no russo.

3.2.3.3 Klast'/polozhit' (colocar)

A análise do comportamento sintático do verbo “colocar” apresentou alguns usos leves. De forma semelhante ao verbo “pegar”, ele também é normalmente considerado leve. Logo, levando em conta a soma desses dois fatores, ele será considerado semanticamente pobre também no russo.

3.2.3.4 Iskat'/naiti (procurar, encontrar)

Tomando como base a não ocorrência de usos leves na pesquisa da subseção anterior, bem como a circunstância de esse não ser um verbo de óbvio conteúdo semântico pobre, ele não será considerado semanticamente pobre no russo.

3.2.3.5 Padat'/upast' (cair, diminuir)

“Cair” se assemelha ao verbo “procurar”: não é uma escolha óbvia para um verbo semanticamente pobre, bem como praticamente não apresentou usos leves na subseção anterior. Logo, não será considerado semanticamente pobre.

3.3 Em prol da hipótese de Harley

Considerando os dados do russo e os critérios analíticos apresentados acima, é possível afirmar que a hipótese que melhor se confirma nesses dados é a de Harley (2014). Vejamos: se a hipótese de Marantz se confirmasse e todos os verbos do russo fossem leves ou funcionais, isso não necessariamente implicaria a negação da hipótese de Harley, dado que ela admite, como dito anteriormente, que o grupo das palavras supletivas é rico em palavras funcionais (por causa da frequência de uso e do fenômeno da gramaticalização). O que Harley afirma é que isso é apenas uma correlação, e que essa característica funcional não é um pré-requisito para a supleção. Ela sustenta a afirmação anterior com verbos lexicais do hiaki.

A confirmação da hipótese de Harley nesses dados, porém, implica a negação da de Marantz, dado que, para a hipótese de Marantz se confirmar, seria necessário que todos os verbos da amostra fossem leves, o que não se realizou.

A partir da consideração dos três critérios acima (ocorrência *versus* peso, comportamento sintático e riqueza semântica), constatamos a presença de supleção na língua russa em lexemas que preenchem muito bem os critérios de Marantz: *brat’/vzjat’* (pegar) e *klast’/polozhit’* (colocar), com pobreza semântica e comportamento sintático leve. Porém, também constatamos verbos com ausência desse comportamento sintático leve que é uma condição imprescindível para a hipótese de Marantz: *govorit’/skazat’* (falar), *iskat’/naiti* (procurar), *padat’/upast’* (cair). Verbos que, além disso, possuem certa riqueza semântica (o que nos coloca na direção da hipótese de Harley).

O russo pode não possuir lexemas supletivos tão semanticamente ricos como aqueles retirados do corpus de Veselinova por Harley: “cair.na.água”, “contornar.algo.fora.de.vista”, “nadar”, “arrancar.com.uma.dentada”, “apostar”, “fazer.saco.de.rede” (2003, p. 222 apud HARLEY, 2014, p. 235, tradução nossa). Porém, a análise aqui feita pode desfrutar do mesmo êxito da de Harley ao mostrar que verbos semanticamente ricos e com comportamento sintático lexical também apresentam formas supletivas.

4. CONCLUSÃO

Nesse trabalho foram analisadas formas da língua russa com alomorfa supletiva contextual dependente de aspecto. Essas formas foram analisadas sob a ótica da Morfologia Distribuída, uma teoria na qual dois autores, Harley (2014) e Marantz (1996), propõem hipóteses distintas acerca do fenômeno da supleção.

Foram consideradas as divergências das duas hipóteses a fim de construir critérios de análise para as formas do russo. Tais critérios de análise foram o peso dos lexemas, o comportamento sintático e a riqueza semântica dos verbos supletivos apresentados.

A partir desses critérios, a análise se deu de modo que os resultados pudessem ser interpretados como favoráveis a uma ou outra hipótese. Quanto ao peso, um alto peso favoreceria Marantz, enquanto um baixo peso favoreceria Harley. Quanto ao comportamento sintático, a ocorrência de “‘light-verb’ constructions” (MARANTZ, 1996, p. 10) favoreceria Marantz, enquanto a ocorrência de verbos lexicais favoreceria Harley. Por fim, quanto à riqueza semântica, verbos semanticamente pobres favoreceriam Marantz enquanto verbos semanticamente ricos favoreceriam Harley.

Ao fim da análise, com a constatação de verbos com comportamento sintático lexical e riqueza semântica, foi favorecida a hipótese de Harley, dado que, apesar da riqueza semântica e alto peso dos lexemas serem condições favoráveis à hipótese de Marantz, o comportamento sintático leve era uma condição indispensável.

5. REFERÊNCIAS

BATTISTI, E.; OTHERO, G.; FLORES, V. DO N. Inatismo. In: **Conceitos básicos de linguística: Sistemas conceituais**. São Paulo: Contexto, 2021. p. 288.

CHOMSKY, N. Remarks on Nominalization. In: **Studies on semantics in generative grammar**. Paris: Mouton, 1975. p. 11–61.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: **The View from Building 20: Essays in Honor of Sylvain Bromberger**. Massachusetts: MIT Press, 1993. p. 111–176.

HARLEY, H. On the identity of roots. **Theoretical Linguistics**, v. 40, n. 3–4, p. 225–276, 2014.

MARANTZ, A. “Cat” as a phrasal idiom: consequences of late insertion in Distributed Morphology. p. 1–25, 1996.

_____. No Escape from Syntax: Don’t Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon. **University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics**, v. 4, n. 2, p. 201–225, 1997.

MARTELOTTA, M. E. Gramaticalização e lexicalização. In: **Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 91–109.

NÓBREGA, V. A. O problema de Wallace-Darwin. In: **Chomsky- A Reinvenção da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2019. p. 197–212.

NOYER, R. **What criteria differentiate between Suppletion and Morphophonological Allomorphy?** Disponível em: <[https://www.ling.upenn.edu/~rnoyer/dm/#suppletion vs. other allomorphy](https://www.ling.upenn.edu/~rnoyer/dm/#suppletion%20vs.%20other%20allomorphy)>. Acesso em: 4 mar. 2022.

Russian National Corpus. Disponível em: <<https://ruscorpora.ru/old/en/index.html>>. Acesso em: 4 mar. 2022.

SILVA, M. C. F.; MEDEIROS, A. B. DE. **Para conhecer morfologia**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

SVENONIUS, P. Slavic Prefixes and Morphology : An Introduction to the Nordlyd volume. **Nordlyd**, v. 32, n. 2, p. 177–204, 2004.

Top 500 Russian Verbs. Disponível em:

<http://masterrussian.com/vocabulary/common_verbs.htm>. Acesso em: 15 fev. 2022.

VESELINOVA, L. N. **Suppletion in Verb Paradigms: bits and pieces of the puzzle**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2006.

_____. **Suppletion According to Tense and Aspect**. Disponível em:

<<http://wals.info/chapter/79>>. Acesso em: 15 fev. 2022.